

Hermetismo e Rosacruz



Corrente de pensamento ou religião?

As ideias do hermetismo renascem uma última vez antes de quase desaparecerem, no Renascimento, através dos manifestos rosacruzes, escritos por eruditos europeus. A história destes movimentos, cujas ideias chegaram a tocar as do cristianismo, é contada na exposição na Torre do Tombo

Ana Dias Cordeiro

Na segunda metade do reinado de D. João III, o humanista Damião de Góis, que era próximo do rei, foi acusado de luteranismo em dois processos da Inquisição. Estes acabaram por ser arquivados e Góis foi nomeado guarda-mor dos Arquivos Reais da Torre do Tombo, então no Castelo de São Jorge de Lisboa. Mas a sua inabalável condição de pensador livre continuou a persegui-lo. A forma como, mais tarde, redigiu a crónica oficial do rei D. Manuel I - função para a qual fora escolhido pelo cardeal D. Henrique - não agradou.

Foi-lhe instaurado outro processo. Voltou a ser acusado pela Inquisição e, em 1574, época de grande tensão entre protestantismo e catolicismo, foi encontrado morto.

O seu processo - como o de muitos outros da Inquisição - encontra-se no Arquivo Nacional na Torre do Tombo em Lisboa. Como o de Fernão de Pina, guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor do reino, ou de Vicente Nogueira, cônego da Sé de Lisboa. São acusados de terem em sua posse livros hermetistas ou de veicularem ensinamentos heréticos e integram a exposição *Sabedoria do Silêncio: Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental*, que inaugurou ontem, na Torre do Tombo, na Alameda da Universidade, em Lisboa.

É lá que estão guardados os originais destes documentos - entretanto digitalizados para consulta por investigadores sem serem manuseados - e é lá que poderão ser vistos pelo público, em vitrinas, nesta exposição organizada pela Fundação Rosacruz, que existe em Portugal desde 2007 para estudar e divulgar a dimensão filosófica, religiosa e simbólica do movimento e a sua influência nas artes e na ciência.

Esta é a primeira exposição sobre

o tema na Torre do Tombo, disse Silvestre Lacerda, director da Torre do Tombo. Tem como objectivo "diversificar os temas e chamar a atenção" do público para a existência de um arquivo "que possui conteúdos que podem interessar a um conjunto muito alargado de pessoas".

Génesis na Alemanha

O movimento Rosacruz, que alguns designam por "hermetismo moderno", surge no início do século XVII e permite ao hermetismo, conhecido desde a Antiguidade, ressurgir no contexto renascentista depois de uma história que alterna momentos áureos com uma quase ocultação.

É a partir de 1607 que surgem os manifestos rosacruzes por iniciativa de um grupo de eruditos de Tübingen, na Alemanha. Nesta época de rupturas, "não optam pelo catolicismo nem pelo protestantismo", explica Rui Freitas, comissário da exposição e representante da fundação em Portugal. "Embora estejam em solo protestante, pensam que a solução não está numa polarização,

como Lutero, mas no regresso às origens, a um cristianismo mais puro." Há a memória de um convívio sereno do hermetismo com os princípios cristãos até 325 d.C., data a partir da qual o cristianismo normatizado passa a perseguir os outros cristianismos, explica o professor Paulo Mendes Pinto, director do mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, em Lisboa.

Quando os manifestos aparecem no século XVII, como síntese de um pensamento renascentista e fruto da concepção espiritual de eruditos, são reproduzidos na imprensa que existe e provocam furor. Num ano, são conhecidas 300 edições europeias a favor e contra o hermetismo. "É um sinal de que não deixou a Europa indiferente", acrescenta o historiador Rui Freitas. "Mas é engolido pela Guerra dos Trinta Anos e aí não se ouve falar mais."

O Rosacruz é uma fraternidade informal mas não secreta. A maçanaria, no século XVIII, virá a ser um dos seus ramos. O núcleo duro de Tübingen é encabeçado por Tobias

Hess (1558-1614), sendo um dos mais conhecidos Valentin Andrea (1586-1654), autor de um dos manifestos rosacruzes. "São pessoas que se reúnem por afinidades de ideias - como hermetismo, alquimia e pensamento hermético - e que hoje nos parecem exóticas mas que eram as ideias comuns da época", defende Rui Freitas.

Religião de pensamento

Mas é o hermetismo corrente de pensamento? Ou religião? "Se tivermos que admitir que é uma religião, então é uma religião do pensamento e não uma religião de fé", explica Rui Freitas. Como religião não organizada, "o hermetismo tem como aspecto mais importante a compreensão enquanto para a religião cristã é a fé". Noutro plano, "o mal não é o mal moral mas a ignorância". E esses ideais moldam aquilo que será mais tarde o legado do movimento. Para colmatar a ignorância, Comenius (1592-1670), hermetista, discípulo de Valentin Andrea, foi o primeiro a defender a educação para



o povo, para todos, nos anos 1600. “Na altura, defendia-se a educação, sim, mas para os nobres. Não para o povo”, recorda Rui Freitas.

“Numa abordagem clássica, não é uma religião”, considera Paulo Mendes Pinto. É, antes, “uma metodologia de pensamento que pode coabitar com outras tradições religiosas”, completa. “O hermetismo não preenche os critérios todos para se poder dizer que é uma religião.”

Não tem uma estrutura hierárquica ou institucional, nem uma dogmática, como se encontra no cristianismo católico. E acrescenta: “Ao nosso olhar formatado, em que se define religião pelo cristianismo católico”, não é uma religião. “Porém,

numa abordagem mais restritiva, o hermetismo tem uma concepção de mundo, de sabedoria e toda uma simbologia que conduz a uma espiritualidade e contém componentes de uma religiosidade”, ressalva o académico. “Muitos dos conceitos são coincidentes com conceitos que se encontram no cristianismo mais primitivo”.

Por exemplo, “o conceito filosófico que está por trás da palavra mais famosa do Novo Testamento - Logos [O Verbo] - está no *Corpus Hermé-*

Em cima, Laboratório Alquímico (1595), onde H. Khunrath retrata a fusão entre o divino e o conhecimento científico; ao lado, o médico alquimista Paracelso

conhece nos primeiros 300 anos d.C. e mais tarde no Renascimento, quando beneficia de uma aura de prestígio mesmo junto da Igreja, e, quando o *Corpus Hermético* era um texto a ser lido por bons cristãos, incluindo o papado. “A aspiração renascentista por descobrir nas obras de tempos primordiais a verdade mais pura e próxima de Deus colocou a obra hermética num lugar-chave”, lê-se no painel *O Renascimento do Hermetismo*.

A Contra-Reforma, como resposta católica ao aparecimento de novas religiões, alterou profundamente esse panorama. Como corrente de pensamento que promove reflexão e questionamento, o hermetismo passa a ser um alvo. Em 1600, em Itália, Giordano Bruno, último grande hermetista dessa época, morre na fogueira com as suas obras.

Pessoa e Yeats

À data dos primeiros processos (1546-1550) de que Damião de Góis foi alvo, D. João III tinha entrado na segunda metade do seu reinado e a Inquisição instalara-se em Portugal. Anos antes, durante as missões diplomáticas e comerciais a vários países europeus que o rei lhe confiara, Damião de Góis privou com Erasmus, de quem era próximo, conheceu Lutero, figura central da Reforma, por sua vez muito ligado a Erasmus, também amigo de Paracelso - médico, alquimista, físico e astrólogo suíço, católico livre e independente e, ao mesmo tempo, um dos grandes nomes do hermetismo.

Mais tarde, este movimento e o Rosacruz inspiram nomes grandes da literatura às artes ou à ciência, como se vê nos painéis da exposição *A Ciência Hermética e A Arte Hermética*, onde se explica que os artistas que tentaram aproximar-se do Rosacruz destacavam-se “do materialismo” e procuravam “inspiração nos mundos subteis”. Esta orientação encontrou expressão nos pintores simbolistas também chamados “os artistas da alma” - são exemplos Odile Redon, Lucien Lévy-Dhurmer ou Alphonse Osbert, de quem se escreveu que “não só era artista da alma, como também poeta do silêncio”.

Fernando Pessoa, Sampaio Bruno, Almada Negreiros ou Teixeira de Pascoas são alguns dos autores portugueses mais influenciados pelo rosacruacianismo, assinala Rui Freitas.

Mas também o poeta irlandês W. B. Yeats ou o dramaturgo sueco August Strindberg. O investigador nota ainda que Fernando Pessoa confessaria, em carta dirigida ao seu amigo Mário de Sá-Carneiro, que os manifestos rosacruzes estavam entre as duas coisas que mais o marcaram na vida.

tico”, texto fundador do hermetismo.

Este conjunto de textos atribuído à figura lendária de Hermes Trimegisto, filósofo, não tem data exacta nem autor conhecido. Nasce no fervilhar de Alexandria, nos primeiros séculos desta era, onde todas as ideias - do cristianismo, do judaísmo, do hermetismo - circulavam intensamente. E reflecte “uma síntese entre a filosofia grega e o conhecimento egípcio”.

Hermetistas e cristãos

A exposição, em grande parte constituída por quadros cronológicos ou painéis temáticos - *A Cabala Judaica, A Cabala Cristã, O Símbolo Hieroglífico, A Alquimia do Coração* são alguns exemplos - apresenta-se como “uma oportunidade” para quem quiser descobrir estes movimentos e perceber a sua história.

Nesta mostra, lembra-se o estado de graça que o hermetismo